



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



UM BISPO SANTO: SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO

Santo Afonso Maria de Ligório, Doutor da Santa Igreja, distinguiu-se por suas atividades em diversos campos: missionário, moralista, compositor, fundador de Congregação Religiosa. Neste presente artigo pretendemos mostrar um pouco de sua atividade como Bispo de Santa Ágata dos Godos e, assim, deixar realçada como deve ser a missão de um bom pastor. Fonte de que nos servimos para o nosso escrito é "Santo Afonso de Ligório" do R. P. Berthe C.S.S.R.

Com os pecadores

Santo Afonso não tinha como bispo outros interesses que não fossem a Glória de Deus e a salvação das almas. Uma semana após tomar posse, fez pregar uma missão em todas as paróquias da cidade, e ele próprio participava das pregações. Seus sermões operavam maravilhas. Houve nessa missão inúmeras conversões. Pessoas há muitos anos afastadas da religião voltavam a ter uma vida católica.

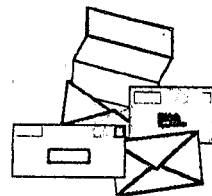
Mas se alguém teimava em ser lobo devorador, Santo Afonso o perseguia com intrepidez. Assim, depois da missão um fidalgo e sua cúmplice recaíram no pecado. O santo o que faz então? Primeiramente chama o fidalgo e mostra a ele a gravidade de sua falta, exortando-o ao arrependimento. O homem voltou-lhe as costas com desdém. A um segundo aviso respondeu com injúrias e a um terceiro com ameaças. Diante disso Santo Afonso obteve a decretação de prisão do fidalgo e de sua cúmplice. O fidalgo fugiu e sua cúmplice foi presa, o que tornou impossível a continuação do escândalo. O fidalgo, tempos depois, veio a reconhecer o seu erro e procurou de todas as formas reparar seu passado ruim.

Com os maus padres

Estava decidido Santo Afonso a expurgar de sua diocese todos os escandalosos. E agiu com rigor contra os maus padres, como agira no caso acima mencionado.

(Continua na página 5)

Escrevem os Leitores



Venho por meio desta agradecer o recebimento do jornal "O Desbravador" que aprecio muito. Mando uma pequena colaboração. Levo a vosso conhecimento a mudança do meu endereço.

FREI RUI JOSÉ
COCALZINHO - GO

Estou feliz em saber que temos uma equipe zeladora da fé cristã. Gostaria de receber em minha casa. Continuarei rezando por vocês!.

MARCIA PEREIRA DAS NEVES MORAES
SÃO PAULO - SP

Gostaria imensamente de receber o jornalzinho "O Desbravador" em minha residência. Desde já agradeço.

JOÃO ITÁPEMA ALVES
RIBEIRÃO PRETO - SP

Primeiramente parabéns pelo jornalzinho "O Desbravador", digo isto com muito amor, pois tem assuntos interessantes e importantes para a nossa evolução espiritual. Pois bem, ainda não sou assinante do jornal, minha mãe é quem recebe sempre e eu leio com todo carinho. Gostaria de que vocês pudessem me enviar também e sendo assim agradeço imensamente pela atenção.

ALEXANDRA RENATA FERREIRA
RIBEIRÃO PRETO - SP

Caros irmãos de "O Desbravador": vos parabênizo por este trabalho santificante, que traz a nós militantes, por meio das histórias da vida dos santos e outros artigos belíssimos, o que na Integra a Divina Providência nos propõe.

Numa sociedade "esquecida" de Deus, em que os meios de comunicação proliferam insídias e falsas doutrinas, é um alívio significativo termo em nossos lares, que não seja esquecido numa estante, este "jornalzinho" maravilhosamente mantido espiritualmente por Nossa Senhora!

Peço também a atualização de meu endereço para recebimento. Desde já agradeço e peço a Nossa Senhora que continue a abençoar cada componente desse trabalho milagroso. Coragem irmãos! Coragem!

WOLGUINEI FERREIRA SANTIAGO
NERÓPOLIS - GO

Inicialmente fico extremamente grato que tenham me enviado um número do Desbravador. Mas, de qualquer forma, gostaria de saber qual é o gasto que os senhores têm para uma pessoa que receba o vosso jornal por 1 ano. Além disso, gostaria de saber se estou autorizado a tirar cópias desse exemplar que me enviaram e enviar para cerca de 50 a 60 amigos para fazer propaganda do jornal. Quero com isso tentar conseguir novos assinantes.

ROBERTO ROCHA LUZZI DE BARROS
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Um dos santos mais citados nas frases de "O Desbravador" é Santo Afonso Maria de Ligório. Fundador da Congregação do Santíssimo Redentor, moralista extraordinário, escritor fecundo, pregador de missões populares, compositor de músicas sacras, devoto exímio de Nossa Senhora, sendo escritor do livro Glórias de Maria, e também Bispo, e é neste aspecto que é focado neste nosso número.

Ao lado da doçura e suavidade que sempre o acompanharam, Santo Afonso, como Bispo, também soube ser severo e enérgico quando isso era necessário para o exercício de seu episcopado. E nisso, ele foi um perfeito discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ao mesmo tempo em que foi o Manso Cordeiro, soube usar do chicote contra os vendilhões do Templo. Santo Afonso mostrou-se nesse sentido um verdadeiro seguidor de Nosso Senhor.

E isso deve servir também para nós que queremos seguir Nosso Senhor. Um verdadeiro Católico tem de possuir os dois lados da virtude. Tem de ser manso e humilde de coração e, quando necessário, tem de saber usar o chicote de acordo com o exemplo de Nosso Redentor.

E nisso Santo Afonso foi estupendo. Ao mesmo tempo em que se ajoelhava diante do pecador pedindo sua conversão, pedia punição para os que não queriam se regenerar.

Esse Grande Santo é um exemplo para os Bispos de sempre e para os católicos em geral. Assim, por exemplo, a quantos pais faltam tanto a doçura quanto a energia para castigar o erro?

Esperamos que esse número que fala de Santo Afonso sirva para ajudar os leitores a terem uma alma verdadeiramente católica, em todos os seus aspectos.

E que Nossa Senhora, tão louvada por Santo Afonso nos incuta as virtudes tão praticadas pelo grande Santo e Doutor da Igreja e que os ensinamentos desse homem de Deus, que sempre publicamos em artigos, sejam para nós orientação de vida cristã.

O antigo hino das Congregações Marianas, diz: "do Prata ao Amazonas, do Mar às Cordilheiras, cerremos as fileiras, Soldados do Senhor, O Nome teu Maria, O Virgem Soberana, nos une e nos irmana, nos dá força e valor!".

É oportuno citarmos esse hino, pois ele bem diz o que deve fazer o verdadeiro católico, devoto de Maria Santíssima.

Em todas as partes, lutemos, juntos os católicos, sob a Bandeira da Virgem. Contra as investidas pela liberação do aborto na Terra de Santa Cruz, com o nome de Maria nos lábios, brademos e digamos não a tal investida.

Diante da degradação moral que quer transformar o mundo, e o Brasil também, numa grande lata de lixo, resistamos e, com o Auxílio de Nossa Senhora, ajudemos a construir uma Civilização verdadeiramente Cristã.

Diante do indiferentismo religioso, no qual tantas almas vivem no pecado, vivem ofendendo a Deus, digamos basta e trabalhemos com todo o ardor para converter os pecadores, falando a tempo e contratempo as verdades da Fé e ensinando os homens a louvar e exaltar Nossa Mãe Celestial.

Diante, enfim, do erro de tantos, da decadência dos costumes, das seitas, sigamos, devotos de Nossa Boa Mãe e rezemos a Ela, trabalhemos por Ela e, como dizem outras estrofes do hino citado, proclamemos:

"Tu nos proteges, ó Mãe Potente,
Contra a inimiga e cruel serpente,
De mil soldados não teme a espada,
Quem pugna à sombra da Imaculada!"

Ou

"Seguirmos a Maria,
Será nossa Ventura,
Teus filhos, Virgem Pura,
Sempre queremos Ser!"



**"De mil soldados
não teme a espada,
quem pugna à
sombra da
Imaculada!"**



(Um Bispo Santo...)

Um Cônego da Catedral, dava há vários anos um péssimo exemplo de vida. Santo Afonso procurou ganhar a ovelha desgarrada com bondade e avisos paternos. O Cônego em vez de corrigir-se, ridicularizou o exterior de seu bispo. Um dia o santo humilhou-se a ponto de se lançar aos pés desse homem endurecido: "Meu filho – disse o santo, tirando do peito o seu crucifixo – se não queres fazer o que eu mando em consideração do caráter de que estou revestido, faze-o por Este Jesus que morreu por ti e por mim sobre a cruz". O padre voltou as costas e continuou viver como antes. Obteve o santo do poder civil que o cônego fosse preso. Um dia disse ao infeliz padre: "Meu caro amigo, não é a ti mas ao teu pecado que eu quis punir; amo a tua alma e quero salvá-la a todo custo; pensa pois nessa alma e lembra-te que há um Deus e um inferno". Caindo em si o padre se arrependeu e após um ano de detenção ficou mais três num convento fazendo penitência, sendo que somente muito tempo depois pode o padre arrependido voltar a celebrar Santa Missa.

Se agia dessa forma com os padres, Santo Afonso usava de igual virtudes com os seminaristas. Fez uma verdadeira depuração no seminário diocesano, expulsando sem piedade os inúteis e os gangrenados. Até na escolha do porteiro do seminário ele usava de sabedoria, exigindo que fosse homem todo de virtude, todo de Deus.

Para evitar um só pecado

Entretinha-se, certa tarde, Santo Afonso, com um arcebispo e com outras pessoas quando um mensageiro lhe foi anunciar que um indivíduo, por ele ameaçado de prisão se achava de novo na casa de sua cúmplice. Incontinenti mandou um secretário avisar o governador com o pedido de prisão imediata do culpado. Alguém ousou observar que sendo tão tarde, poder-se-ia esperar até o outro dia. Ao que o nosso santo respondeu: "E dos pecados cometidos esta noite, dareis vós contas a Deus?" O secretário cumpriu sua missão e o libertino teve sua prisão decretada.

Contra as mulheres de má vida

O santo fez igualmente guerra sem trégua às mulheres de má vida. Procurou primeiro levá-las para Deus. Primeiramente, procurou mostrar a elas a enormidade de suas faltas. E, para tirar todo o pretexto de continuarem nessa vida infame, auxiliou-as pecuniariamente. Muitas dessas infelizes mulheres renunciaram a sua vida criminosa e fizeram penitência. As reincidentes eram, porém, perseguidas sem misericórdia. Conseguiu ele que várias fossem expulsas da

cidade. Como fosse dito ao santo que elas iriam a outras localidades propagar seus pecados e ali não teriam um bispo santo como ele para vigiá-las, Santo Afonso respondeu que "cada qual vele sobre suas ovelhas. Enxotadas de todos os lugares, cobertas de infâmia, sem pão, abrirão os olhos e renunciarão ao pecado".

Dessa forma Santo Afonso conseguiu transformar sua cidade. Alguns "moderados" dirão que os meios que nosso santo se serviu não eram todos de acordo com a caridade evangélica. Esquecem-se estes "moderados" que Nosso Redentor, a própria mansidão também usou da chibata para expulsar os vendilhões do templo.

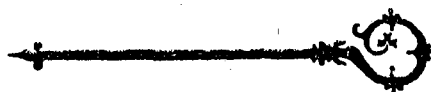
"Maldição dos pecadores"

Recomendava Santo Afonso, para quebrar a obstinação dos endurecidos, que nas pregações se fizesse uma tocante cerimônia denominada "maldição dos pecadores". O missionário, com estola preta, dizia aos impenitentes as palavras de Davi: "Amaldiçoados sejam, Senhor, aqueles que se afastam dos vossos mandamentos". Mas essa maldição não era para os pecadores arrependidos, mas para aqueles que queriam perseverar no pecado.

Cuidando de seu rebanho até o fim

Vencido pela doença, Santo Afonso pediu demissão de seu cargo. Antes de voltar para o seu convento quis dizer adeus às suas ovelhas. Apesar de extremamente enfermo, arrastou-se por diversas paróquias pregando a todos, pela última vez a perseverança no bem, a fuga do pecado, a frequência aos Sacramentos, e sobretudo o amor a Jesus e a devoção a Nossa Senhora.

Até o fim o bom pastor procurava ensinar a verdade e o bem às suas ovelhas. Até o fim lhes mostrava o caminho do Céu.



Tivemos o prazer, em rápidas pinceladas, de mostrar algumas passagens da vida do Santo bispo. Com sua ação ele fez da pequena diocese de Santa Ágata, um lugar de virtude. Rezemos nós para que Nossa Senhora e Santo Afonso obtenham do Coração Adorável de Jesus a graça de termos, na face da terra, outros e muitos bispos com a grandeza de Santo Afonso.

MENTIRAS PRÓ-ABORTO E RESPOSTAS DA VERDADE

A recente e odiosa investida abortista, nos faz tomar uma atitude de repulsa, de oração e de ação contra ela.

Além de rezarmos em reparação, além de pedirmos a conversão dos defensores do aborto, devemos nos indignar contra essa ofensiva. E mais, devemos agir contra esta maré.

Desta forma, gostaríamos de oferecer a nossos leitores alguns subsídios que os ajudem a combater o assassinato dos inocentes.

A "argumentação" dos defensores do aborto é fraca e facilmente refutável. É isso que começaremos a fazer.

Dizem os defensores do aborto: "A mulher é dona de seu corpo, e portanto pode abortar".

Resposta: Em primeiro lugar, não somos donos de nossos corpos, não podemos, por exemplo, nos mutilar



Em segundo lugar, a criança gerada, não é parte do corpo materno, é uma nova vida humana, independente. Isso é provado cientificamente. Assim, na primeira célula do novo ser humano, já estão presentes todos os cromossomos, já estão contidas todas as características que acompanharão a pessoa pela vida afora.

De outra parte, crianças que foram abortadas com poucas semanas de gestação, mas foram achadas com vida e cuidadas, tornaram-se criaturas normais, o que mostra que a criança não é parte da mãe, mas é outra vida.

Dizem os defensores do aborto: "O feto não é um ser humano".

Resposta: Já dissemos que na primeira célula do novo ser estão presentes todas as características genéticas da pessoa.

Ademais cientificamente pode-se afirmar que as batidas do coração começam entre 18 e 20 dias após a fecundação; medidores ultrassônicos podem detectar o trabalho do coração desde nove ou dez semanas de vida do feto; através da eletroencefalografia tem-se registrado as ondas elétricas do cérebro do bebê após 40 dias da concepção; a criança começa a se mexer no ventre materno a partir de 6 semanas e a partir de 11 ou 12 semanas o bebê está respirando calmamente; com apenas 5 semanas o estômago produz suco gástrico; as unhas aparecem na 12ª semana e as pálpebras na 16ª; os 20 dentes de leite já estão implantados quando o bebê está com 6 semanas e meia. A partir da concepção até a morte da pessoa, quando anciã, nada se acrescentará à pessoa humana (exceto o crescimento e o desenvolvimento de tudo que o homem trazia desde o primeiro instante de seu ser).



Esta foto foi tirada num hospital do Canadá. Ela mostra o resultado de uma manhã de abortos: crianças assassinadas, jogadas no lixo. Será que isso vai se repetir no Brasil, com a legalização do Aborto, pretendida por alguns? Nós ficaremos calados, ou como filhos de Maria Santíssima, lutaremos com todas as nossas forças contra o aborto?

Dizem os defensores do aborto: "É melhor abortar que deixar nascer uma criança que vai sofrer misérias".

Resposta: Essa é a linguagem típica do mesquinho. Em primeiro lugar, quem garante que essa criança padecerá misérias? Quantas pessoas foram filhos de famílias pobres numerosas e foram criadas, cuidadas e chegaram até altos cargos políticos ou religiosos, como por exemplo, papas.

De outro lado, viver sempre é melhor que não viver.



Fala-se tanto hoje, em ouvir as partes interessadas. Se as crianças abortadas pudessem opinar, temos certeza que queriam viver e não serem abortadas.

Dizem os defensores do aborto: "Não podemos deixar viver um aleijado, um débil mental".

Resposta: Quem diz isso é egoísta. Na verdade, o aleijado e o débil mental darão trabalho, mas propiciarão aos pais e amigos ocasião de atos de caridade, de atos de renúncia.

Ademais quem pode garantir que esse aleijado não fará grandes coisas na vida? Quem pode afirmar que ele não será um escritor, um cientista ou mais, um santo?

Quem garante que ele não será um grande exemplo de paciência e resignação para os seus? Já falamos de nosso colaborador e amigo Jair Agenor Ribeiro que nos deixou em dezembro de 1996 e nos legou uma grande soma de exemplos a serem imitados e isso ele fazia de sua... cadeira de rodas.

Gostaríamos de citar aqui o famoso caso de Ludwig Van Beethoven, cuja mãe, na quinta gravidez foi aconselhada a abortá-lo porque sofria de tuberculose, seu pai era sífilítico, teve um irmão cego de nascença, um terceiro surdo e o quarto tuberculoso, sendo que o segundo morreu logo depois do nascimento. Ela não ouviu o assassino conselho e deu à luz esse famoso músico.

Citaríamos também o nosso Aleijadinho, que malgrado fosse todo deformado, é autor de obra monumental e é considerado o maior escultor barroco da história.

Dizem os defensores do aborto: "Impedindo o nascimento de deficientes, purificamos a raça".

Resposta: Quem diz isso é um herdeiro e sucessor de Adolf Hitler, na realidade os nazistas em nome da purificação racial mataram a milhares de pessoas, chegando a ponto de matar crianças que urinavam na cama.

Dizem os defensores do aborto: "Quem não quiser abortar não aborte, mas seja dada a liberdade a quem quer fazê-lo".

Resposta: Seria o mesmo que dizer: "quem não quiser roubar não roube, mas seja dada a liberdade a quem quiser fazê-lo". O erro não tem direitos e não podemos deixar liberdade a ele, não podemos estimulá-lo, nem compactuar com ele.

Dizem os defensores do aborto: "O aborto clandestino é responsável por milhares de mortes, a legalização impediria essas mortes".

Resposta: É facilíssimo não haver mortes por abortos, basta não haver abortos. Seria o caso de dizer que muitos criminosos morrem após assaltos. Pretender a liberação do aborto para evitar mortes é o mesmo que permitir assaltos para evitar a morte dos assaltantes.



Ademais, muitas mulheres morrem em abortos nos países que liberaram tal prática, ou em "clínicas" sofisticadas o que mostra que a morte ocorre por causa do aborto que é prática monstruosa.

Seria o mesmo caso que fornecer coletes à prova de balas aos assaltantes pra se defenderem nos tiroteios.

Dizem os defensores do aborto: "Pelo menos deve-se aceitar o aborto quando a mãe corre perigo de vida".

Resposta: Primeiramente, hoje em dia, com o progresso da medicina são raríssimos os casos em que essa situação ocorre.

Mas mesmo quando acontece essa situação deve-se preferir a vida da criança.

De um lado, quando se salva a criança, não se mata a mãe, pelo contrário, tenta-se salvar a mãe e criança. Já no caso contrário se mata a criança.

De outra parte, a mãe já pôde viver, ser batizada, dar a glória a Deus, a criança ainda não.

Além disso, querer evitar qualquer risco é não entender o cumprimento do dever. É não ver o heroísmo.

Há situações em que se pede a coragem, a bravura, o heroísmo, a firmeza.

O que deve fazer um juiz ameaçado de morte se condenar um bandido? Deve condená-lo. O que deve fazer o soldado na peleja, senão lutar?

A mãe que correr riscos deve ser corajosa, generosa e, se for o caso, dar a vida por seu filho. Deve ser mãe.

Disso nos deu exemplo Santa Giovana Beretta Mola, que preferiu morrer a permitir que sua filha não nascesse.

Dizem os defensores do aborto: "Deve-se permitir o aborto em caso de estupro".

Resposta: O estupro é um crime monstruoso, hediondo e, como tal, deve ser punido. Mas, quem deve ser punido é o estuprador, o criminoso, não a criança gerada, inocente. Um erro não justifica outro erro. Punir a criança seria uma injustiça contra quem nada fez, seria fazê-la pagar por erro de outrem.



Se fossemos nós gerados em um estupro, certamente quereríamos nascer. Lemos, certa vez, o depoimento de uma moça gerada em um caso assim, que agradecia a Deus não ter sido feito um aborto antes dela nascer, ela prezava a vida, todos prezamos, por que se matar um inocente? Nada justifica isso.

Dizem os defensores do aborto: "A Religião é coisa de foro íntimo, o Estado é leigo e não deve aceitar leis religiosas".

Resposta: A história demonstra que quando as leis dos homens se afastam das leis de Deus, ocorrem catástrofes. Estão aí o Nazismo, o Comunismo e o Fascismo para mostrar isso. Por outro lado, quanto bem não produziram, inclusive no campo material, governantes respeitosos das Divinas Leis. Dizem as Escrituras: "Bênção é a nação cujo Deus é o Senhor". São Luis IX, da França, Alfredo, o Grande, da Inglaterra, Isabel I, a católica, da Espanha e Garcia Moreno, do Equador, nos confirmam isso.

Além disso, a verdade é uma só. A ciência e a razão não se chocam com a Fé, nem podem se chocar. Por exemplo, o homicídio e o furto são pecados e as leis dos países as condenam também, no que fazem muito bem. Por que no caso do aborto há de ser diferente?

Tudo que é dito neste artigo confirma essa tese. Foram dados fatos, dados científicos, raciocínios que só confirmam Fé.

Além do que já foi dito, gostaríamos de acrescentar que o aborto produz outros males: hemorragias, perfurações do útero, esterilidade, infecções, e também distúrbios psicológicos profundos. Existem depoimentos e estatísticas abundantes nesses sentidos.

Admira-nos que pessoas estudadas deem ao aborto foros de legitimidade.

A Fé nos diz que o aborto é pecado gravíssimo contra a vida e, por isso, a Santa Igreja excomunga todos os que participam ou cooperam em um aborto. A razão e a ciência – como vimos – confirmam os dados da Fé. Por isso, podemos dizer sem receio: ABORTAR É ASSASSINAR UM INOCENTE.

Que Nossa Senhora nos dê a graça de ver isso e lutar com todas as forças contra o aborto.



O INFERNO EXISTE (VIII)

Outras Provas da Existência do Demônio e do Inferno

O espiritismo em suas várias manifestações é também uma prova evidente da existência do cárcere eterno. Se existe o espírito maligno e se ele se manifesta por meio de mesas que falam ou giram e por meio de outros médiuns, deve também existir o lugar de sua morada, isto é, o inferno com suas penas atrozes.

Estranha contradição! Os ímpios não prestam fé a Deus e à sua Igreja e creem nas imposturas do demônio, pai da mentira, que os engana nas sessões espíritas; zombam do inferno e dos novíssimos e têm medo do número treze, ou do sal derramado na mesa, como de um mau agouro; desprezam a Sagrada Escritura e veneram os livreiros que tratam de magia ou de sortilégio; não querem saber dos santos ensinamentos da Igreja e dos seus ministros e vão consultar uma cartomante ou um cigano para lhes revelar o futuro ou para curá-los. Assim é: quando o homem fecha voluntariamente os olhos à verdade, abre-os ao erro e à mentira; enquanto espezinha a Religião e ao seu Criador nega o culto devido, torna-se supersticioso e presta homenagem ao diabo e às coisas insensatas.

Outra prova evidente da existência da prisão eterna e dos demônios são as obsessões.

Satanás em nossos dias se encarna nos livros ímpios que ridicularizam a nossa santa religião e difamam as religiosas, os padres e os bispos; nos romances que ensinam descaradamente o vício e espezinham a virtude; nas estátuas, nos monumentos e nos quadros obscenos trabalhados sob o ridículo pretexto da arte, como se a arte não devesse respeitar a honestidade dos costumes e não fosse feita para civilizar e nobilitar o homem.

As tipografias e as livrarias que publicam maus livros, a oficina dum artista que reproduz nudez na tela, no mármore, ou no papel, as reuniões tenebrosas da maçonaria são querências de Lúcifer.

Certos escritores e certos propagadores de doutrinas anárquicas ou socialistas ou ateus parecem possuídos do espírito da mentira, tanta é a constância, a impudência, a ousadia com que espalham a baba dos seus erros. A sua pena é molhada em veneno violento e torna-se na sua mão o punhal do assassino que mata a alma e o corpo dos leitores.



Mas, além dessas encarnações de Satanás nos homens ímpios que servem sua causa e agem sob sua influencia, houve, mesmo ultimamente, verdadeiras obsessões.

Cito um fato, do qual foi testemunha uma cidade inteira, fato extraído dum opúsculo do advogado Felix Conelli.

Teresa Strigini nasceu em Briga, vilório de Novara, Itália, aos 20 de maio de 1832, e a certa idade começou apresentar sinais de obsessão diabólica. Fechada em casa desaparecia e depois de muito tempo voltava e entrava sem abrir a porta. Passava dias sem tomar alimento ou bebida e via o que acontecia em lugares distantes; seu rosto tomava formas horríveis a ponto de amedrontar os mais corajosos. Rumores misteriosos se ouviam em seu quarto; e muitas vezes toda casa era sacudida como por um terremoto, derrubando as mobílias como se fossem palhas.

A coitadinha ora parecia agonizante e prestes a exalar o último respiro; ora tinha tanta força que ninguém a dominava e até punha em fuga homens robustos que acorriam para refrear-lhe a veneta, ou socorre-la nas freqüentes convulsões de que era tomada. Apesar de analfabeta, e sem nenhuma instrução, compreendia línguas desconhecidas e demonstrava saber extraordinário.

Os exorcismos produziam nela grande efeito e via-se claramente que o demônio sentia o poder que Deus concedeu a sua Igreja. Quando os parentes e os vizinhos não sabiam o que inventar para acalmá-la, chamavam o pároco para que ordenasse a Satanás, com as fórmulas do Ritual, que deixasse em paz a infeliz moça.

Sentia também a influencia e às vezes terror das coisas benzidas, terços, imagens, medalhas, água benta, como se fosse tocada por um ferro em brasa.

Um dia o sacerdote a interrogou:

- Quem és tu? És um demônio?
- Não, respondeu com voz terrível.
- Em nome de Deus, quem és?
- Um demônio.

- És um daqueles soberbos precipitados do céu?

- Sim.
- Não é verdade, que apesar de tua arrogância sofres também aqui as penas do inferno?
- Sim.

Outras vezes respondia que era uma legião. E na verdade, os fenômenos extraordinários que sucediam em sua pessoa, no quarto, na casa, mostravam que devia haver mesmo uma multidão de demônios.

Alguns libertinos que zombavam do inferno e dos demônios foram examinar o fato e o sarcasmo

morreu-lhes nos lábios. Alguns até foram horivelmente maltratados. Outros ficaram gelados de medo quando viram pintado naquele rosto o desespero dos réprobos.

Mas, vede a estultícia: os ímpios não querem averiguar os fatos e continuam a escarnecer os dogmas da fé, até que, vindo a morte, as chamas devoradoras do inferno os convencem da existência de um Deus que castiga o pecado e a iniquidade.

Na vida de São João Maria Vianney, mais conhecido pela expressiva alcunha de Santo Cura d'Ars, lê-se a luta terrível que teve de sustentar contra Satanás, furioso por causa das inúmeras almas que o santo sacerdote arrancava da eterna perdição.

A povoação de Ars foi testemunha do ocorrido e vivem ainda muitas pessoas que poderiam confirmar o que relatamos.

O demônio lhe aparecia sob formas horríveis para o insultar, fazia bulha em seu quarto para perturbar-lhe o breve repouso que tomava num pobre catre. Às vezes a casa parecia invadida por uma turba de leões, tigres e serpentes e pelos quartos e corredores ressoavam rugidos, assobios e urros; outras vezes aparecia no meio das chamas; corriam os paroquianos para salvar do incêndio o seu querido pastor, mas o fogo de súbito se apagava. Os mais robustos e os mais corajosos experimentaram dormir na casa paroquial, mas de noite fugiam de medo, enquanto o santo sacerdote, bem sabendo que o demônio não pode fazer nenhum mal sem a permissão do céu, descansava tranqüilo sob as asas da proteção divina.

Quando operava uma conversão prodigiosa, a raiva da antiga serpente não tinha limites e redobrava os esforços para vingar-se da presa perdida.

Uma noite o demônio ateou fogo no seu pobre leito, outra vez o atirou no chão com violência, sem porem o machucar, e muitas vezes o chamava com voz rouca, reprovando a guerra que lhe movia.

Na vida de S. José Cottolengo se encontra também a aparição do nosso eterno inimigo. Geralmente todos os santos tiveram lutas corporais e visíveis contra o príncipe das trevas, pelo zelo que mostraram na salvação do próximo e pelas vitórias que alcançaram contra o mundo, a carne e o inferno.

Portanto, veio alguém do outro mundo a provar-nos a existência das verdades eternas: veio até o chefe dos anjos rebeldes.

Na história de S. João Batista de La Salle, benemérito fundador desses anjos da juventude que se chamam Irmão das Escolas Cristãs, narra-se que um cavaleiro de nobre família levava vida

mundana, pouco se lhe dando da salvação da alma.

Alistou-se no exército, onde subiu facilmente de posto e obteve condecorações pelo seu valor. Duma feita, foi ferido num combate; curaram-no remédios secretos, com auxílio diabólico. Entrando uma vez numa igreja, no momento preciso em que se exorcizava um possesso, por curiosidade e para zombar da credulidade das pessoas presentes, inesperadamente o demônio lhe dirigiu a palavra e disse:

- Tu não crês no inferno e no demônio! Infeliz! Sentirás um dia o seu poder.

Assustado por essa ameaça e por ver que o espírito infernal tinha penetrado seus íntimos pensamentos, que ele não revelara, caiu em si, voltou crente e decidido a abandonar o mundo para ingressar no Instituto de S. João de La Salle e fazer penitência.

Naquele santo retiro o esperava Satan.

Abriam-se-lhe de novo as feridas, foi tomado de dores atrozes e misteriosas, de frenesi e convulsões horríveis, de jeito que nenhuma força humana podia contê-lo. A comunidade vivia em sobressaltos. O Santo notou no infeliz os sinais de obsessão; e exorcizando-o, intimou ao espírito das trevas que saísse daquele corpo. O demônio ouviu a voz potente do ministro de Deus e escabujando e urrando, abandonou o infeliz cavaleiro.

Na vida do mesmo Santo se encontra o seguinte fato. Vivia em Ruão uma senhora, de nome Maillefer, toda entregue às vaidades e aos prazeres do mundo, sem mesmo pensar nos seus deveres de cristã. Gastava suas grandes riquezas em vestidos, banquetes e teatros, caminhando a passos ligeiros pela estrada da perdição.

Aprouve, porém, à bondade divina detê-la à beira do abismo e fazê-la instrumento das suas misericórdias.

Um dia, bateu à porta do palácio um pobre, doente e faminto.

Os criadores, embora conhecessem o coração duro da ama, deixaram-no entrar, julgando que o seu mísero estado a movesse à compaixão. Assim não foi, porém! A cruel senhora o expulsou de sua casa, com asco, atirando-lhe em rosto estas palavras:

- Poltrão, vai trabalhar.

O mendigo abaixou a cabeça e saiu cambaleando de fome e de fraqueza. À porta, deu com o cocheiro, que sentiu doer-lhe o coração à vista de seus padecimentos e levando-o à estrebaria, o socorreu como pôde.

Mas o novo Lázaro morreu durante a noite, e na manhã seguinte os criados encontraram o frio cadáver, em cujo semblante se percebiam as angústias e as dores que padecera nos últimos momentos. A ama tendo notícia do acontecido exasperou-se, despediu logo o compassivo cocheiro e atirou aos criados o primeiro lençol encontrado para

que amortaliassem o defunto e sem mais o sepultassem.

Passou o resto do dia debaixo duma triste impressão, humilhada pela sua crueldade e pelo que correria a seu respeito na cidade.

Qual não foi a sua admiração quando, pondo-se à mesa, encontrou dobrado em sua cadeira o lençol que tinha dado pela manhã. Julgou, de princípio, que não fora obedecida e ameaçou despedir os criados; mas estes asseguraram que tinham executado a ordem recebida e que eles mesmos depuseram na sepultura o cadáver amortalhado com aquele lençol.

Que mão misteriosa teia colocado aí o véu fúnebre? É claro: o defunto recusou depois da morte uma esmola daquela que lhe negou barbaramente em vida um auxílio, e Deus tal permitiu para comover a infeliz pecadora. Realmente, ela compreendeu a lição, mudou de vida, penitenciou-se e expirou placidamente no ósculo do Senhor, cheia de confiança na misericórdia divina que acolhe um coração contrito e humilhado.

S.Felipe Néri ressuscitou momentaneamente um menino para dar-lhe aso de se confessar.

Ele amava ternamente Paulo Máximo, filho do príncipe romano Fabrício Máximo. O menino tinha 14 anos quando adoeceu gravemente; o santo, tendo revelação de sua morte próxima, pediu à família que o chamassem à cabeceira do menino quando estivesse no extremo e prepará-lo para a luta suprema.

A doença se agravou e o pai mandou chamar a S.Felipe para que corresse abençoar o seu filho espiritual. Como, porém, estivesse celebrando a Santa Missa, a criada deu o recado a um dos Padres do Oratório.

Nesse ínterim o menino morreu e o santo, quando chegou a palácio, encontrou-o cadáver. Ajoelhou-se ao pé da cama e rogou com devoção por um quarto de hora, depois aspergiu o rosto do menino com água benta, deitando-lhe umas gotas na boca. Soprou-lhe o rosto, colocou-lhe a mão na fronte, chamando duas vezes em voz alta e sonora: - Paulo! Paulo!

O morto acorda como de um profundo sono, abre os olhos e exclama: - Padre, Padre, tenho um pecado e quero confessá-lo.

S.Felipe pede aos presentes que se retirem, dá ao menino um crucifixo e ouve a sua confissão; terminada a qual, chama os parentes e põe-se a falar sobre o paraíso e a felicidade dos eleitos; o menino se entretém em santa conversação, como quando gozava perfeita saúde; após meia hora, o santo perguntou-lhe se desejava ir para o céu, e tendo obtido resposta afirmativa, disse: - Vai, sê feliz e roga a Deus por mim.

E Paulo com rosto plácido, sem nenhum movimento, torna a morrer docemente nos braços do santo. Estavam presentes àquela cena, entre outras pessoas, o pai, duas irmãs e a criada.

O quarto foi convertido em capela e é visitado ainda hoje com veneração e os romanos chamam o palácio Máximo "a casa do milagre".

Todo ano, depois de três séculos, a família Máximo comemora o prodigioso acontecimento.



O Homem no Limiar da Eternidade

Luta tremenda do agonizante contra o poder das trevas

COMO MORREU O VOLTAIRE...

Tragédia ocorrida em Paris no ano de 1778

Voltaire, filósofo francês do século XVIII dedicou boa parte de sua vida a combater a Igreja Católica. Com suas blasfêmias muito ajudou a preparar a famigerada Revolução Francesa.

Entretanto, estando prestes a morrer, roído de remorsos, tremeu diante da morte e mandou chamar um padre. Vejamos então o que sucedeu como nos narra Armel Kerven, no seu livro "Voltaire":

Entrando em casa alta noite, enervado pela emoção, saturado de lisonjas, teve Voltaire um violento acesso de febre. O marquês de Villette, em cuja casa se hospedara, mandou logo chamar um padre. Lá estava, porém, uma legião de enciclopedistas. Voltaire não quis dar o braço a torcer diante deles... O padre, despedido, retirou-se dizendo que estaria à disposição do doente. Era o padre Gualtier, coadjutor de São Sulpício.

Dois dias depois, teve o filósofo um fluxo de sangue que o debilitou em extremo, julgando-se perdido, pediu uma pena e traçou com mão trêmula este bilhete ao sr. Padre Gualtier:

"Prometeu-me vir ouvir-me. Peço-lhe o obséquio de vir quanto antes. 26 de fevereiro de 1778. Voltaire."

Ocupado com outro doente, o padre chegou à casa alta noite. Só no dia seguinte, ao romper do dia, recebeu o bilhete, e mais um outro.

"Mme. Denis, sobrinha do M. Voltaire, pede ao padre Gualtier vir vê-lo. Ficarà obrigada. 27 de fevereiro de 1778. Em casa do sr. marquês de Villette."

O padre foi aconselhar-se com o seu superior, que lhe ordenou exigisse antes de tudo uma retratação:

"Declaro que, sofrendo há dias de vômitos de sangue, na idade de 84 anos, e não tendo podido arrastar-me até a igreja, o sr. vigário de S. Sulpício fez-me o obséquio de mandar-me o padre Gualtier; que me confessei a ele e que, com o favor de Deus, morrerei na Religião Católica em que nasci, esperando da misericórdia Divina que Ela me perdoe todas as minhas faltas. Se escandalizei a Igreja, peço perdão a Deus e a Ela. 2 de março de 1778, em casa do sr. marquês de Villette, meu velho amigo, Voltaire."



As duas testemunhas assinaram.

Depositado no cartório do "Mestre Monet", tabelião em Paris, esse documento foi publicado.

Apenas recebeu Voltaire os Sacramentos melhorou. Os enciclopedistas, seus amigos, que se tinham afastado, voltaram ao aposento do doente, e não o deixaram mais. Voltaire começou então a debochar daquilo que chamava uma "fantasia de penitência", esquecendo seus terrores, à medida que convalescia, e zombando da misericórdia Divina, a qual enfim o abandonou.

No mês de maio, caindo de cama com um novo acesso, foi chamado a toda pressa o dr. Tronchin, seu médico assistente, que não lhe ocultou a gravidade do caso.

Quis Voltaire de novo chamar o padre: mas a Enciclopédia tinha jurado que venceria. D'Alembert, Marmontel e Diderot montaram guarda ao doente, ficaram surdos ao seu pedido e só permitiram que dois padres, vindo de São Sulpício, pudessem aproximar-se do doente, quando o delírio do moribundo lhes impossibilitava o ministério.

Morreu Voltaire em pavoroso desespero. Da vizinhança todos ouviam os seus gritos de raiva.

"Retirem-se! Retirem-se!" urrava e ele, apostrofando os enciclopedistas. "Foram vocês que me perderam! Eu não carecia dos senhores. Vocês é que não podiam passar sem mim. E que miserável glória me arranjaram!"

No meio dos temores e angústias ouvia-se simultaneamente ou sucessivamente, invocar a Deus

e blasfemar... Ora em voz lamentável! Ora com o tom do remorso, e mais amiúde em acessos de furor exclamava:

"Jesus Cristo! Jesus Cristo!"

Richelieu, testemunha deste espetáculo fugiu dizendo: "É demais! Não se pode agüentar!"

O horrível drama continuou. O moribundo estortegava-se no leito e rasgava o peito com as unhas. Chamava pelo padre Gualtier, mas os adeptos, reunidos na antecâmara, tampavam os ouvidos e não quiseram que este sacerdote recebendo os últimos suspiros do seu patriarca, estragasse a obra da filosofia.

Ao chegar o momento fatal, nova crise de desespero:

"Sinto que me arrastam ao tribunal de Deus!"

E voltando para a parede o olhar apavorado: "Ali está o demônio, quer me agarrar... Eu o vejo. Vejo o inferno... Escondam-me..."

Finalmente deu um último urro e expirou sufocado pelas fezes e pelo sangue que lhe jorravam pela boca e pelo nariz.

Os filósofos proibiram expressamente a toda gente da casa que contassem isso, mas não puderam impor silêncio ao médico assistente.

Que esta narrativa nos ensine a não adiar a nossa conversão para a última hora. Talvez aí não consigamos a nossa reconciliação com Deus.



DA BOA INTENÇÃO

(Santo Afonso Maria de Ligório)

Noção da boa intenção

Podemos ter diversas intenções nas nossas ações virtuosas, todas elas mais ou menos boas. Primeiramente, podemos praticá-las com a intenção de alcançarmos de Deus bens temporais; podemos, por exemplo, dar esmolas, mandar celebrar missas, jejuar para nos vermos livres de uma doença, de uma calúnia ou de outros males temporais. Essa intenção é boa, suposto que estejamos conformados com a santíssima vontade de Deus, porém menos perfeita, porque seu objeto é ainda todo terreno.

Podemos então praticar uma boa obra para satisfazer a justiça divina pelas penas merecidas por nossos pecados, ou para obtermos de Deus bens espirituais, como virtudes, merecimentos ou uma maior glória no céu. Esta intenção já é muito mais perfeita que a primeira.



Podemos, também, nas nossas obras, ter a única intenção de agradar a Deus e cumprir com sua santa vontade. Esta intenção é geralmente chamada a boa ou pura intenção; ela é a mais perfeita e, ao mesmo tempo, a mais meritória, porque, quanto mais nos esquecermos de nós mesmos, no bem que praticamos, mais Deus pensa em nós e nos cumula de graças. Ele mesmo o revelou certa vez a S. Catarina de Sena: "Pensa em mim, minha filha, e eu pensarei em ti". Com isso queria ele dizer: Procura unicamente agradar-me e eu cuidarei de teu progresso na virtude, da vitória sobre teus inimigos, de tu perfeição e glória eterna.

Quem só tem em vista, em todas as suas ações, o beneplácito de Deus, imita em verdade o amor dos Santos no céu, pois estes nada mais

desejam senão o que agrada a Deus e mais se alegram com a felicidade de Deus que com a própria, segundo S. Tomás. Conforme isso, a alma que se esquece de si de tal forma que age, não para que Deus esteja satisfeito com ela, mas unicamente para que sua ação agrade a Deus, age da maneira mais perfeita possível, diz S. Bernardino.

Aqui deve-se notar que é melhor e mais seguro praticar suas obras com a intenção de cumprir com a vontade de Deus do que com o fito de promover a glória de Deus, porque, assim, se evitam todos os enganos do amor-próprio. Sob o pretexto do zelo pela glória de Deus, não raramente se satisfaz o amor-próprio; procurando-se, porém, unicamente cumprir com a vontade de Deus e fazer só aquilo que lhe é mais agradável, nunca se pode errar.

Devemos também estar convencidos de que não podemos prestar maior honra a Deus do que fazendo sua santa vontade. Por esse motivo, o divino Salvador tinha sempre a intenção de realizar a vontade de Deus, seu Pai, em tudo que fazia, como ele mesmo o declarou, dizendo (Jo 5, 30): "Não busco a minha vontade, mas a d'Aquele que me enviou".

Suma importância da boa intenção

Devemos ter sempre em vista que a boa ou má intenção com que se faz uma ação torna-se boa ou má diante de Deus. "Se teu olhar for simples, teu corpo inteiro será lícido", diz o Salvador (Mt 6, 22); se teu olho for mau, todo o teu corpo será tenebroso". Os Santos Padres, por esse olho, entendem a boa intenção, e pelo corpo a ação. Jesus Cristo quer, pois, dizer: Se nossa intenção é simples, isto é, se não visamos outra coisa senão o beneplácito de Deus, toda a nossa ação é boa e brilha em pureza celestial; sendo, porém, má a nossa intenção, isto é, tendo em vista um outro fim menos bom, toda a ação

é má. A boa intenção é, pois, a alma de nossas ações; ela dá-lhes a vida e seu verdadeiro valor.

O cristão devoto, aqui na terra, aspira unicamente a agradar a Deus. Essa aspiração alegra o coração de Deus e abrasa-o em amor por tal alma, que lhe faz dizer: "Feriste o meu coração, minha irmã, minha esposa, feriste meu coração com um de teus olhos" (Cant 4, 9). Esse olho da santa Esposa, isto é, da alma que ama a Deus, significa o único fim que ela tem em todas as suas ações e pensamentos, a saber, o agrado de Deus.

Os mundanos consideram as coisas com diversos olhos, isto é, têm em seus atos diversos fins desregrados, como: agradar aos homens, conquistar um nome, juntar riquezas ou, ao menos, satisfazer sua vontade própria. Os Santos, o contrário, têm um só olho para, em todas as coisas, só verem o agrado de Deus; sem interrupção dizem, com David (Sl 72, 25): "Que tenho eu no céu? E, fora de vós, que desejo eu na terra?... Deus de meu coração, e minha partilha é Deus para sempre". Por isso não basta praticar boas obras; devemos praticá-las bem.

Nossas obras só então serão perfeitas e santas, quando praticadas com a intenção de agradarmos a Deus. Assim procedia o divino Salvador de quem diz o Evangelista: "Ele fez tudo bem" (Mc 7, 37).

Aos olhos dos homens uma obra sobe em valor à medida do trabalho que custou: diante de Deus, porém, o valor de uma ação é tanto maior quanto mais perfeita é a intenção que se teve em vista porque, como diz a Escritura, o homem olha para a obra exterior, "Deus, porém, vê o coração" (1 Rs 16, 7), a saber, a vontade com que foi feita a obra. Haverá coisa mais bela do que sofrer o martírio e oferecer a Deus o sacrifício de sua própria vida pela verdadeira fé? E, contudo, diz o Apóstolo (1 Cor 13, 3): "Se desse meu corpo para ser queimado e não tivesse a caridade, nada me aproveitaria". "Não são os tormentos e a morte que constituem o martírio, diz S. Agostinho (In os. 31, em 2), mas a intenção e o fim pelo qual se padece". O real Profeta exclama (Sl 65, 15): "Oferecer-vos-ei holocaustos com medula". Alguns fazem a Deus sacrifícios, mas sem medula, isto é, sem a intenção de agradar-lhe:

tais sacrifícios Deus não aceita. "Deus recompensa nossas ações conforme o grau de pureza de nossa intenção", diz S. Madalena de Pazzi.

Vendo o Salvador uma pobre viúva lançar dois reais no gazofilácio, disse a seus discípulos: "Na verdade vós digo que esta pobre viúva deu mais que todos os outros" (Mc 12, 43). Segundo S. Cipriano, Nosso Senhor disse isso para nos mostrar que ele não olha tanto para a obra, como para o amor e a intenção com que ela é feita.

Nunca te tenhas em vista em qualquer de tuas ações, alma cristã. Queres saber o que faz aquele que, em suas ações, se busca a si mesmo, fazendo-as para ser louvado ou para encontrar nisso qualquer satisfação? Ele procede, segundo o profeta Ageu (1, 6), como um que lança a recompensa recebida por seu trabalho em um saco furado, isto é, ele perde todo o seu merecimento.



Por isso nos recomenda o divino Salvador (Mt 6, 1): "Guardai-vos de fazer, vossas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles", porque, se assim procederdes, vos responderei, quando uma vez me pedirdes vossa recompensa: Já recebestes o louvor que procuráveis, que mais quereis?

Devemos renunciar a tudo, mesmo aos exercícios espirituais, quando Deus quer que nos dediquemos a outras ocupações. Diz-se isso visando especialmente os que se perturbam quando têm de deixar suas devoções por causa da obediência ou da caridade. Uma tal perturbação não vem certamente de Deus, mas, ou do demônio ou do amor-próprio. Agradar a Deus, mesmo que nos custe a vida, esta é a suprema máxima dos Santos.

Se, portanto, estiveres à mão com trabalhos que te foram impostos pela caridade, obediência ou decoro, não te queixes de que não podes empregar na oração esse tempo, como era teu desejo.

Estando uma vez o Pe. Baltasar Alvarez muito ocupado e desejando ver-se livre para se dar à oração, ouviu o Senhor dizer-lhe: "desde que não podes estar perto de mim, deves te contentar que eu me sirva de ti".

Caracteres da boa intenção

Adverte agora alguns sinais, alma cristã, dos quais poderás deduzir se tuas obras procedem realmente de uma intenção pura.

O primeiro sinal da boa intenção consiste em não te inquietares quando a obra começada não dá o resultado esperado, mas em conservares a paz como se tivesses alcançado o teu fim. Gozarás certamente dessa paz de coração se em tuas ações só tiveres a Deus em vista, porque, nesse caso, logo que vires que Deus não quer a tua obra, também tu não a queres mais, sabendo que ele não examina se ela deu resultado, mas unicamente se a empreendeste com o fito de agradar-lhe.

O segundo sinal da boa intenção consiste em te alegrares do que os outros fazem, como se tu o tiveras executado, pois, para quem busca unicamente a glória de Deus é inteiramente igual se ela é promovida por outro ou por ele mesmo.

O terceiro sinal consiste em não procurares em tuas obras nem aplauso nem agradecimento e em não perderes a paz, mesmo quando fores repreendido e maltratado por causa delas, na certeza de que alcançaste teu fim único, isto é, agradar a Deus.



Quando, porém, fores louvado por outros por qualquer coisa e te sentires tentado a te comprazer nesse louvo, não precisas te esforçar muito em combater essa tentação com atos contrários; é melhor que a desprezes simplesmente e digas com o São João d'Ávila a teu amor-próprio: "Chegas mui tarde, já ofereci minha obra a Nosso Senhor". Além disso,

quando praticares uma boa ação, como orar assiduamente, levar uma vida recolhida, praticar a mortificação, dar um bom exemplo aos demais, e o fizeres unicamente por Deus, o temor de ser visto ou louvado não deve te impedir de a levar a cabo. Nosso Senhor mesmo quer que os outros vejam nossas boas obras, para que elas os excitem à imitação e dêem honra a Deus. Isso atesta o divino Salvador, dizendo: "Brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5, 16).

Cuidemos, pois, unicamente de fazer tudo com uma boa intenção, e, se a vaidade desperta, imitemos a S. Bernardo, que, sentindo-se durante uma prática, tentado à vaidade, expeliu-a de si, dizendo: "Não comecei a pregar por tua causa e, por isso, também não concluirei por tua causa; não tendo outra intenção senão agradar a Deus". "Se procurarmos agradar unicamente a Deus, diz S. Teresa, Ele nos dará a força para vencermos qualquer tentação de vaidade". (Vit c. 10).

Grande merecimento das menores obras feitas por Deus

É coisa certa que Deus não exige grandes coisas de nós; ele só quer que o pouco que lhe damos seja dado com a devida disposição. Se tua caixa é pobre para poder dar alguma coisa a Deus, diz S. Agostinho, possuis em tua vontade um tesouro que te põe em estado de oferecer alguns presentes a Deus; basta que faças o que tens de fazer, com a intenção de agradar-lhe. Ouçamos as amáveis palavras que o Senhor dirige a cada um de nós: "Põe-me como um selo sobre teu braço e como um selo sobre teu coração" (Cant 8, 6), isto é, se quiseses agradar-me, faz de mim o único objeto de todos os teus desejos e ações. Donde nos aconselha o Apóstolo: "Ou comais ou bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus".

A venerável Beatriz da Encarnação, primeira filha espiritual de S. Teresa, dizia: Não se pode pagar com todos os tesouros do mundo a menor obra que se faz por Deus. E isso é

inteiramente verdade, porque todas as obras feitas pela glória de Deus são atos de amor, aos quais está prometida uma recompensa eterna. Compenetrado disso, dizia o Pe. Rodriguez que a boa intenção é uma arte celeste de fabricar ouro, que transforma o ferro em ouro, pois as mais simples ações, como comer, dormir, trabalhar, divertir-se etc. transformam-se no ouro da santa caridade, quando são executadas por Deus. Por isso, S. Maria Madalena de Pazzi dizia que quem fizer tudo com pura intenção, se dirige diretamente para o céu, sem passar antes pelo purgatório.

Esforça-te, pois, alma cristã, em referir, todas as manhãs, ao despertares, todas as ações do dia a Deus e a oferecer-lhas em união com tudo o que o divino Salvador praticou aqui na terra, porque assim tornam-se sumamente agradáveis a Deus. Deves também renovar essa boa intenção no começo de cada ação ou, ao menos de cada obra importante, como quando te queres dar à oração ou à meditação, receber a Santa Comunhão, ouvir a Santa Missa, começar tuas ocupações, pôr-te à mesa e recrear-te etc. Dize então, ao menos interiormente: Senhor, não quero com isto buscar minha satisfação própria, mas cumprir unicamente com vossa santa vontade.



Narra o Pe. Saint-Jure que um piedoso eremita tinha o costume de levantar os olhos para o céu antes de qualquer trabalho e permanecer assim por algum tempo. Perguntaram-lhe um dia o que fazia em tais momentos, e ele respondeu: "Procuro assegurar-me de um bom tiro". Queria dizer que, assim como o atirador visa bem o alvo para dar à seta a direção conveniente, assim também devemos dirigir, antes de nossas ações, nossa vista para Deus, para lhes assegurar seu valor sobrenatural.

Aqueles que fazem por Deus tudo o que fazem, "enchem uma longa carreira", conforme expressão do Sábio (Sab 4, 13). Por uma longa carreira cheia se entende a que foi toda consumada de um modo agradável a Deus; pelo

contrário, vazia é a existência daqueles que não empregam seus dias no serviço de Nosso Senhor. Por isso diz o Salmista: "Os pecadores não chegarão à metade de seus dias" (Sl 54, 24).

Examina, pois, todas as tuas ações, alma cristã, e vê se foram verdadeiramente puras, isto é, sem mistura de amor-próprio e feitas unicamente por Deus. Se achares que teu modo de agir não procedeu da intenção de agradar a Deus, cuida para que ao menos no futuro o seja. Assim terás a dita de ouvir, da boca do Senhor, na hora da morte: "Eia, servo bom e fiel, porque foste fiel no pouco", praticando todas as tuas ações com a intenção de me agradar, "te constituirei sobre o muito", recompensando-te com bens infinitos e eternos.

